

3.33 Casulos em uma poética do revestimento

Luciane Ruschel Nascimento Garcez*

Abstract. *This paper intends to present a work from the French artist Hubert Duprat, his Gold Cases. This work was chose for its relation to the author's own ceramic cocoons and the poetics developed from both practices: the poetics of the revetment, where is the surface's look's play that gives sense to the work.*

Keywords: *cocoons; Hubert Duprat; revetment.*

Resumo. *Este artigo pretende apresentar um trabalho do artista francês Hubert Duprat, seus Casulos de ouro, que foram escolhidos por sua relação com os casulos de cerâmica da autora e a poética desenvolvida em ambas as práticas: a poética do revestimento, onde é o jogo de olhares de superfície que dá sentido à obra.*

Palavras chave: *casulos; Hubert Duprat; revestimento.*

Imagens de uma teia de afinidades

Quais conexões poderiam juntar, em uma mesma constelação de imagens, trabalhos que inicialmente parecem tão distintos em suas propostas poéticas? Uma artista ceramista, brasileira, que vem fazendo casulos há mais de 20 anos, busca no artista francês Hubert Duprat relações com os casulos de ouro que este vem produzindo desde 1983, partindo da afinidade criada pelo jogo do olhar de superfície, uma poética de revestimento que se encontra em ambas poéticas, do casulo de cerâmica revestido de metal ao casulo de ouro deste francês erudito e meticuloso.

Hubert Duprat nasceu em 1957 em Nérac no sudoeste da França. Artista contemporâneo, cuja obra varia dos casulos de ouro a trabalhos com pedras, filmes e fotografias, entre outros tantos meios. Apesar de sua diversidade, sua obra é coerente e tem sua assinatura – literal ou conceitualmente falando – em cada peça produzida por ele. Duprat é conhecido por sua paixão pela ciência - entomologia, geologia, arqueologia, entre outros assuntos, fazem parte de sua área de interesses e estudos. Professor de escultura na Escola de Belas Artes de Nîmes, vem expondo nos principais locais expositivos da Europa nos últimos 25 anos.

* Brasil, Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Artista visual e professora colaboradora de cerâmica no CEART, UDESC. Bacharel em Artes Plásticas pela UDESC. Mestrado em Artes Visuais pelo PPGAV-CEART, UDESC.

O olhar de superfície

Os casulos da autora são peças em cerâmica de grande porte, confeccionadas em argila revestida por fios de cobre e esmalte, o que faz com que a superfície das peças tenha um brilho imemorial, um revestimento que revela a argila e gera a referência do metal ali fundido (fig. 1). Um jogo de superfície e vazio, exterior e interior, também presente nos casulos de Hubert Duprat.



Figura 1 – Casulos de cerâmica e fios de cobre, 2006. Dimensões aproximadas: 60 X 30 cm cada. Fonte: própria.

Os casulos de ouro são pequenas peças confeccionadas por larvas da ordem das Tricópteras (fig. 2). A experiência de confecção dos casulos começa pela coleta e junção de pequenas peças em ouro, pérolas e outras pedras preciosas, que vão constituir a matéria-prima das larvas. Hubert Duprat coleta ovos das Tricópteras e as deposita em aquários com água tratada e mantida a uma temperatura de aproximadamente 5° C, mantendo-as num inverno que retarda o processo de feitura do casulo até o meio do verão; passado o período da incubação começa o período da coleta de materiais e construção do casulo. A construção dura alguns meses. As larvas escolhidas ainda em ovos jamais conheceram nada além do material disponibilizado por Duprat: ouro, safiras, diamantes, pérolas, turquesas, opalas, rubis. Para

cada material que o artista deseja ver usado, transfere os insetos para reservatórios separados, cada qual com um material diferente. O primeiro deles contém ouro, que é onde as larvas passam mais tempo, a seguir outros materiais vão sendo acrescentados, alguns no mesmo aquário, outros modificando a larva de recipiente. Duprat conduz habilmente a composição dos casulos dosando a duração de tempo da larva em cada reservatório, mas também, por vezes, retirando alguma peça do casulo, o que obriga à larva a fazer a “reparação” do mesmo.



Figura 2 – Casulos - Larva e casulos de ouro e pedras preciosas – dimensões: 2 a 3 cm (Hubert Duprat, 1980 – 2006 apud Besson, 2002).

Duprat opera em uma dramaturgia do precioso. Pode-se constatar esta tendência em diversos trabalhos seus, a começar pelos *Casulos* de

ouro, tecidos pelas larvas Tricópteras, um de seus primeiros trabalhos (1980) e que vem sendo feito repetidamente desde então, entretanto fica claro na poética deste artista que os materiais preciosos não constituem um fim em si mesmos, eles são um meio.

As peças de ouro que modelam os casulos convidam a se interrogar sobre o **corpo** da obra e suas modalidades. Com sua capacidade de captar a luz na superfície que recobre a larva, Duprat permite o paradoxo do efeito de superfície e profundidade, em uma referência às múmias egípcias, envelopes de metal onde a luz tem papel preponderante. Envelopes sofisticados, que fazem duvidar acerca de seu pertencimento ao reino animal; formas que se fundem em um processo de recriação, colocando a questão do artificial, assim como a noção de dicotomia e transgressão de limites, possibilitando pensar o mundo contemporâneo partindo de uma estética do desvio, que traduz um comprometimento tanto formal quanto conceitual; um bloco de luz que adiciona a força da simplicidade ao choque do inesperado, legitimando o estranho, o inaudito. Duprat empreende uma reflexão sobre a fragmentação e a recomposição, onde o revestimento é o que dá forma ao trabalho, a fragmentação faz parte desta prática de revestimento que tem por característica o jogo de superfície, de folheado, de encapsulamento. Referências ao precioso e ao ornamento, a uma estética do decorativo que toca o objeto e que encontra suas analogias na história da arte, e que exprimem o gosto e a curiosidade do artista pelo singular, pelo prodigioso.

Duprat trabalha em um campo que não é mais ditado pelas propriedades do material, do meio utilizado. A lógica de sua prática coloca em jogo termos tidos como opostos, mas que em sua obra são complementares, como construção e não-construção, cultural e natural, paisagem e arquitetura, precioso e ordinário, instintivo e conceitual, primitivo e tecnológico, artesanal e artístico. Ou, de maneira mais formal, grande e diminuto, brilhante e pardo, cheio e vazio, entre tantas outras considerações levantadas.

Didi-Huberman, em seu livro *Vênus Rajada* (2005), propõe outras maneiras de olhar a *Vênus de Botticelli*, faz pensar sobre estas roupagens que se encontram em certas obras, a vestimenta que se transforma em outra coisa: “vestimenta do desenho e beleza ideal, vestimenta de relatos mitológicos e das descrições literárias,

vestimentas dos mármore antigos desenterrados, vestimentas dos conceitos neoplatônicos”, mas como ressalta o autor, “tudo isto participou de modo dinâmico e dialético, quer dizer, em um contexto feito de associações e deslocamentos, de tensões, de intensidades contraditórias, de “hibridizações”” (2005, p. 30 – 32). São estas associações que permitem pensar as ‘vestimentas’ dos casulos de Duprat, vestimentas de paradoxos, de destempos.



Figura 3 – Casulos - Larva e casulos de ouro, pérolas e opala – dimensões: 2 a 3 cm. (Hubert Duprat, 1980 – 2006, apud Besson, 2002).

Estes trabalhos fazem pensar que o artista está problematizando o olhar, o olhar que não passa da superfície, que não alcança o interior, um olhar onde tudo é superfície e ali é que o diálogo da obra acontece. Este olhar que desafia a pensar na interioridade, que desafia uma reflexão onde se atreve a falar do que não se vê, mas que se sabe que *está lá*, ou ao menos se pensa que sabe (fig. 3). São obras que falam sobre a impenetrabilidade das coisas, sua solidão absoluta, o mistério que não é para ser revelado, onde é a superfície que conversa com o espectador. São trabalhos de montagem que deixam pensar que do

informe nasce a beleza, de larvas repugnantes nascem obras de arte, obras que remetem a jóias, onde a textura evoca, com igual força, uma pele que se oferece à exploração do olho e do toque. Desta forma se oferece uma cenografia do olhar e da memória. São trabalhos onde o autor traz à tona o sentido da camuflagem, onde o artista torna a larva imediatamente visível, absolutamente vulnerável. Um jogo de esconder e revelar, tornar real e subverter. Duprat propõe um nó a ser desenrolado, um procedimento de envelope, alguma coisa que não se deixa alcançar por sua periferia; o artista abre um campo de discussão sobre a ficção na representação da obra com grande refinamento e sedução.

Como sugere Didi-Huberman no texto em que reflete sobre a *Vênus de Botticelli*, as imagens orgânicas têm duas faces, o interior aparece como a forma, o exterior como a natureza mutante que possibilita materializar o interior invisível.

Semelhantes propostas são ao mesmo tempo evidentes e difíceis de entender em todas suas implicações: o interior pode ser pensado como estrutura subjacente – com o esqueleto em primeiro termo –, aquele que não muda e dá ao corpo sua lei física de harmonia; neste sentido, o interior assume a função de esquema, quer dizer, o próprio poder da forma (2005, p. 54).

A natureza escondida sob uma pele que remete ao sagrado oferece uma porta de comunicação com o divino, mas sem um deus, uma superfície que traz à tona diversas outras obras e permite pensar tantas outras temporalidades, o tempo, em sua diversidade, está inscrito na materialidade da obra. Arte como um lugar onde as trajetórias mais divergentes podem se cruzar, a despeito de toda lógica, um lugar para onde convergem todas as possibilidades e probabilidades.

Conclusão

Esta teia de afinidades entre casulos se dá por uma dramaturgia do olhar que desvela a obra, mas não seu mistério; o interior não é um jogo aberto, o revestimento é o que dá corpo, molda o casulo, o vazio mantém o vestígio, o segredo. Cada qual com sua poética e prática artística peculiares, ambos em um mesmo diálogo de luz e encapsulamento. •

Referências

- Besson, Christian (Org., 2002). *Hubert Duprat Theatrum - Guide imaginaire des collections*. Collection reConnaitre. Paris: Musée départemental (Digne), Philippe Grand, Antenne Éditoriale de Lyon.
- Didi-Huberman, Georges (2005). *Venus Rajada*. Buenos Aires: Editorial Losada.